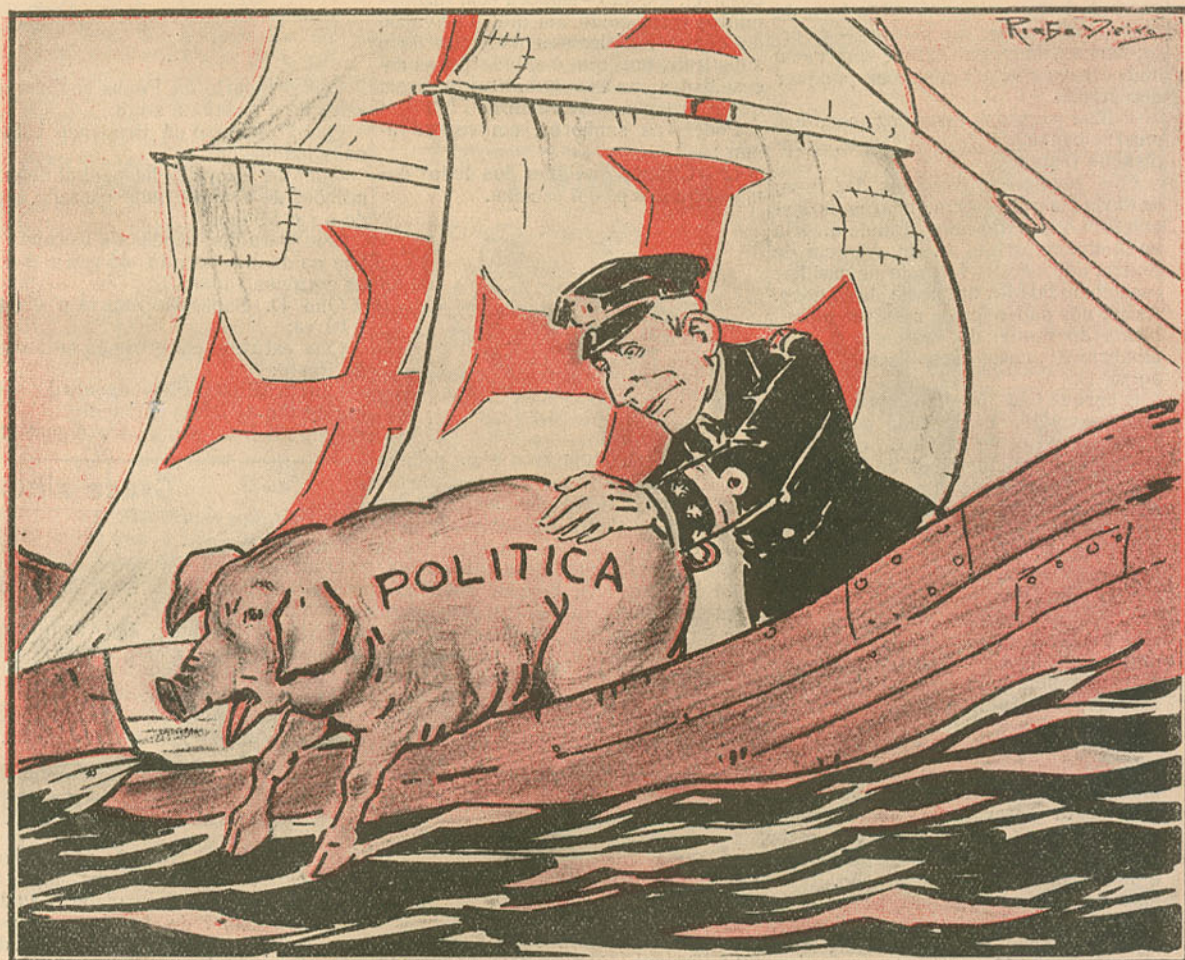




Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 45—Lisboa



## A grande porca, de Bordalo Pinheiro



**O TIMONEIRO:**

— *Decididamente a nau não pode navegar sem se deitar pela borda fóra este contrapezo!*



## PALESTRA AMENA

## Coiros

Como se sabe, o cabedal está pela hora da morte, que, ao que parece, é hora tão ca'a que toda a gente se lhe refere quando quer significar preços desconformes. E estando pela hora da morte podemos perder a esperança de que volte a estar pelo custo antigo, pois que em letra redonda já vimos a declaração de que os senhores curtidores estão dispostos a nunca mais meter em banho tanifero um coiro, por mais pequeno que seja.

Bom. Desde já temos a avisar os excellentissimos sapateiros e mais industriaes de sola, que escusam de contar connosco por estes dez anos mais chegados; graças a Deus estamos bem fornecidos de calçado para muito tempo e temos um passinho tão leve que é rarissimo precisarmos de mandar deitar meias solas ou tacões. Todos os nossos pares de botas e sapatos estão fóra de moda, cambados, aleijadotes — é certo; mas assim mesmo hão-de servir seja onde fór, na rua, em casa, em qualquer cerimonia.

— Mas passados esses dez anos, dirá mestre bucha, cá te esperamos, grandissimo tratante.

Pois engana-se; passados dez anos, se ainda pisarmos terra, andaremos descalços, no que daremos grande alegria ao illustre naturista sr. dr. Almicar de Souza, que não se farta de aconselhar essa comodidade, em nome da hygiene. Assim nós pudéssemos resolver o problema do resto do vestuário e o da alimentação, como resolvemos o dos coiros!

E porque não ha-de o leitor seguir-nos o exemplo, começando desde já a andar descalço, se não está, como nós, tão bem fornecido? Medo de se constipar não tenha, que fica por fiador o dito sr. dr. Amilcar. Por lhe parecer feio mostrar os pés nus, tal como saíram da fôrma da natureza? Ora adeus! A razão não colhe: creia que não é por ter os pés feios que o engeitam — se não, veja as varinas, que andam com eles á vela, se os rapazes deixam de as requestar por isso! Depois, desde que a medida seja geral, que ninguém use calçado, já o facto deixa de ser reparado.

Valeu? Vamos todos fazer essa partida aos industriaes de calçado? Somos pessoas pacatas, como se sabe, mas n'esta emergencia não reaceamos prégar guerra aos coiros, tanto mais que a propria denominação é antipatica e pouco digna de consideração. Estamos em que ao principio havemos de sentir desagradavelmente a privação, tão habituados estamos a eles; mas, alem das considerações já apresentadas, outras militam a favor do sacrificio, que afinal só o será nos primeiros dias: o aperto dos calos, a estopada de abotoar ou de atacar, o trabalho e a despesa de limpar e engraxar, etc., etc.

Só uma observação nos podem fa-

zer, contrária ao que apregoamos: o pontapé, que terá muito menos eficacia com o pé descalço. E' razoavel o argumento, mas d'este modo daremos aos gananciosos um pontapé moral, que afinal lhes virá a doer mais do que se fosse fisico.

E temos dito, a respeito dos coiros.

J. Neutral.

## Substituindo o tabaco

E' muito bem feito. Quem lhes mandou ter vicios? O resultado aí está. Os senhores habituaram-se a fumar barato, não podem passar sem a porcaria do tabaco e a companhia ex lora vossas senhorias, permitindo apenas aos ricos que satisfaçam esse indecentissimo apetite.

Ora bem. Como a nossa missão é remediar todos os males, na medida do possivel, e como — embora sem razão — muitos teem como um mal a privação do cigarro, indicamos os meios de o substituir, pois que é sabido que as necessidades podem substituir-se sem que o organismo se resinta.

Podem os senhores, em vez de fumar:

1.º — Chupar qualquer dos dedos das mãos, ou dos pés, á escolha.



2.º — Desenhar cigarros n'um pedaço de cartão e lambe-lo.

3.º — Parar junto das vitrines das tabacarias e cheira-las demoradamente.

4.º — Entrar nas ditas tabacarias, pedir charutos de escudo, olhar com unção para a caixa que lhe apresentarem e retirar-se em seguida.

5.º — Finalmente, como o prazer do fumador consiste em absorver o fumo do tabaco, pode seguir na rua qualquer pessoa que vá fumando e ir fundando na retaguarda.

## De Bocage

«Não presta Cortdon, não presta Elpino,  
Filinto é ninharria, e lixo Alfeno,  
Albano fala só do Tejo ameno,  
Só tardes e manhãs descreve Alcino:

«Trescala aos seiscentistas o Paulino;  
Pois Bocage! Isso é peste, isso é veneno!»  
Roncava charlatão rolho e pequeno,  
Pequeno em corpo, em alma pequentino.

«Quem acha vosmecê (Ihe sae d'um lado  
Taful do serio rancho das lunetas)  
Quem acha para versos estremado?

«Quem? (diz o tal) não façam lá caretas:  
Um que dos seus papeis anda pejado,  
Poeta de pregões, cantor de petas.

## Boatos

Damos em seguida uma nota dos boatos mais sensacionais que circularam durante a ultima semana e que até á hora em que escrevemos, não tiveram confirmação:

Que um grupo de descontentes com a situação actual tinha mudado a Torre dos Clerigos, do Porto, para o Castelo do Queijo;

Que Chão de Maçãs se tinha tornado independente, vedando a passagem do respectivo tunel aos comboios ascendentes e descendentes;



Que o lagarto da Penha se tinha asanhado e andava á solta;

Que D. Manuel de Bragança estava constipadissimo;

Que um exercito hespanhol de dois milhões de homens tinha passado a nado o rio Minho;

Que para as bandas da Rotunda tinha caído um bocado do ceu e morto as cotovias todas;

Que D. Sebastião estava a chegar á barra;

Que estavam em gréve os quiosques do Porto;

Que o Wilson tinha apanhado uma indigestão de feijão carrapato.

Safa! não se ganha para o susto!

## Graça alheia

Na praia.

O marido quer por força ir dar um passeio de barco. A mulher muito asustada:

— Não vás, homem, não vás que está o mar muito bravo e podes afogar-te.

— Não sejas maluca; vou.

— N'esse caso dá cá o teu relógio e a cadeia; ao menos não se perca tudo.

## Correspondencia

F. Vila-clara — Não vão para a Torre de chifre. E' estreita, diz, logo ha esperanças de que faça melhor, quando esteja senhor da tecnica necessaria a este genero literario. Aguardamos os acontecimentos.

Luiz M. Alves — Está dito e redito que o Quim e o Manecas cumpriram a sua missão desde que venceram os imperios centraes. Isto, porém, não quer dizer que não reapareçam quando se torne necessaria a sua valiosa interferencia.

**Onde está o Marques?**

Está aqui, soceguem. Felizmente este nosso espirituoso colaborador encontra-se de saúde e se não nos tem honrado ultimamente com a sua prosa não é isso devido a enfraquecimento das suas faculdades, mas aos seus multiplos trabalhos. Agora mesmo nos escreve ele, a proposito de não se ter confirmado a noticia da viagem do presidente Wilson á Suissa:

«E' pena, porque eu tencionava visitar em breve a republica helvetica e assistir ali ao desembarque do grande homem. Talvez que até fosse a bordo cumprimenta-lo, em nome do nosso paiz...»

Sempre patriota!

**A epidemia reinante**

Parece-nos que não ha duvida nenhuma de que a gripe pneumonica desapareceu, isto é, de que atualmente não reina tal epidemia entre nós: pois, apesar d'isso, alguns jornais continuam a inserir uma secção com o titulo de «A epidemia reinante»...

A proposito, lá vae uma historia que muita gente conhece, mas que o leitor pode não conhecer e que não deixa de ter a sua graça.

N'um jardim publico da capital,



perto de certo regimento de infantaria, havia um banco que a camara municipal mandára recentemente pintar.

Ora, para que os incautos não sofredessem em seus fatos os estragos da tinta fresca, o cabo da guarda tinha recomendado ao soldado, que estava de sentinela ao quartel, que não deixasse sentar ninguem no referido banco.

Passou o tempo suficiente, a sentinela foi rendida e entre as instruções a dar, a antiga disse ao camarada:

—Não deixes sentar ninguem n'aqule banco.

Foi rendida tambem esta sentinela, veio outra, outra mais—emfim, dezenas, como se diz no soneto dos *Pombos*, de Raimundo Correia—e cada uma recebia da anterior a recomendação:

—Não deixe sentar ninguem n'aqule banco.

Secou a tinta, passaram mezes, passaram anos e nunca mais ninguem se pôde sentar no banco, tendo esquecido ha muito o motivo da ordem, mas continuando as sentinelas a comunicar imperturbavelmente umas ás outras a recomendação singular.

**EM FOCO****OLAVO BILAC**

*Quebrou-se a lira sonora e pura  
Que fazia calar entre o arvoredo  
As aves, invejosas do segredo  
De tanta suavidade e tal doçura.*

*E o mar, que rugue, owindo-lhe a bravura,  
O temível fragor, junto ao rochedo  
Se espraia de manso, a custo, a medo,  
Como rola que treme e que murmura.*

*Lira, de onde subiu arrulho brando  
Ou rouco trovejar, á natureza  
Pagou cruel tributo, miserando,*

*Mas seu canto de altissima beleza  
Eternamente ha-de ficar vibrando,  
Que o modulou em lingua portugueza!*

BELMIRO.

Ainda ha dias, um sujeito que lá se quiz sentar se não tem obedecido rapidamente á intimação do soldado era varado com um tiro!

**O canal de Panamá**

D'esta vez é que se vae abrir o canal de Panamá, acontecimento de suma importancia, segundo abalisadas opiniões, com as quaes, digamo-lo desasombradamente, não estamos de accordo.

Acaso a agua do Atlantico não é de composição identica á do Pacifico? que propriedade pode ter a mistura das duas, que justifique essa importancia?

Do cruzamento das pescadinhas dos dois mares resultará alguma especie nova, de interesse científico?

O facto de se cortarem, por um canal, as comunicações entre as partes norte e sul da America Central auxiliará as relações entre os respectivos povos?



Postas assim em duvida as vantagens quimicas, ictiologicas e economicas da abertura do Panamá, resta apenas o argumento de que ela substituirá o estreito de Magalhães, o qual, provavelmente deixará de ser frequentado. Pois esse mesmo argumento é, quanto a nós, pouco de receber, porque sem o estreito de Magalhães, este, ou o seu immediato Sebastião d'Alcântara, não teria reconhecido que o mundo era uma bola.

Está-se, pois, a ver que o novo canal é uma superfluidade, mas emfim, se querem fazer essa festa façam, que nós não somos desmancha-prazeres.

**O leão e o rato**

(De La Fontaine)

Saiu da toca aturdido,  
Daninho, pequeno rato  
E foi cair, insensato,  
Entre as garras d'um leão,

Eis o monarca das teras  
Lhe concedeu liberdade,  
Ou por ter d'ele piedade  
Ou por não ter fome então.

Mas esta beneficencia  
Foi bem paga, e quem diria  
Que o rei das feras teria  
D'um vil rato precisão!

Pois que uma vez indo entrando  
Por uma relva frondosa  
Caiu em réde enganosa  
Sem conhecer a traição.

Rugidos, esforços, tudo  
Balda sem poder fugir-lhe;  
Mas vem o rato acudir-lhe  
E entra a roer-lhe a prisão.

Rompe com seus finos dentes  
Primeira e segunda malha;  
E tanto depois trabalha  
Que as mais tambem rotas são.

O seu bemfeitor liberta  
Uma dívida pagando  
E assim á gente ensinando  
De ser grato a obrigação.

Tambem mostra aos insofridos  
Que o trabalho com paciencia  
Faz mais que a força, a imprudencia  
Dos que em furia sempre estão.

Trad. de CURVO SEMEDO.

## O CURIOSO



*A' porta do gabinete da conferencia da paz.*

*— Tenho muita pena, sr. Romanones, mas não é permitida a entrada a extranhos...*